

**“DUZU-QUERENÇA”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO: DESEJO DE
LIBERDADE EM VOO DE ESTRELA**

**“DUZU-QUERENÇA”, BY CONCEIÇÃO EVARISTO: DESIRE FOR
FREEDOM IN A STAR FLIGHT**

Margarida Pontes Timbó¹

RESUMO

Este artigo analisa a protagonista Duzu, do conto “Duzu-Querença”, publicado em *Olhos d’água*, de Conceição Evaristo. Objetiva verificar como essa personagem cumpre papéis políticos e poético-literários, a fim de manifestar outra representação da mulher negra na Literatura Brasileira, sobretudo quando aparece outra personagem na narrativa, isto é, a Menina Querença. A metodologia teórico-bibliográfica fundamentou-se em Cuti (2016), Duarte (2010), (2020), Santos (2020), Souza (2020), entre outros que estudam a Literatura Negro-Brasileira, em especial a de Evaristo. Espera-se que este trabalho contribua significativamente para os estudos da personagem feminina negra, que durante muito tempo foi abnegada e silenciada nas nossas letras.

Palavras-chave: Duzu, Conceição Evaristo, mulher negra, “Duzu-Querença”.

ABSTRACT

This article analyzes the protagonist Duzu, from the short story “Duzu-Querença”, published in *Olhos d’água*, by Conceição Evaristo. It aims to verify how this character fulfills political and poetic-literary roles, in order to manifest another representation of the black woman in Brazilian Literature, especially when another character appears in the narrative, that is, Menina Querença. The theoretical-bibliographical methodology was based on Cuti (2016), Duarte (2010), (2020), Santos (2020), Souza (2020), among others who study Black-Brazilian Literature, especially that of Evaristo. It is hoped that this work will make a significant contribution to the study of the black female character, who for a long time was selfless and silenced in our lyrics.

Keywords: Duzu, Conceição Evaristo, black woman, “Duzu-Querença”.

¹ Professora temporária do Curso de Letras Língua Portuguesa da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA (Campus Bethânia) e professora do Curso de Direito da Faculdade Luciano Feijão – FLF. Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mails: margarida_timbo@uvanet.br e professoramargaridaflf@gmail.com Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9210567626251172>; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2523-3164>

Introdução

Este artigo analisa a personagem literária Duzu, do conto “Duzu-Querença” publicado em *Olhos d’água*, obra de Conceição Evaristo.

O trabalho possui como objetivo verificar o modo como essa personagem cumpre papéis políticos e poético-literários, a fim de manifestar outra representação da mulher negra na Literatura Brasileira, sobretudo quando também aparece na narrativa a Menina Querença, cumprindo papéis políticos e poético na tessitura de Evaristo. Desse modo, a autora mineira manifesta outra representação da mulher negra na Literatura Brasileira, desconstruindo estereótipos e politizando assuntos urgentes à nossa sociedade.

A metodologia consiste em pesquisa teórico-bibliográfica fundamentada nas ideias de Cuti (2016), Duarte (2010), (2020), Santos (2020), Souza (2020), entre outros nomes relevantes que estudam a Literatura Negro-Brasileira e em especial a de Evaristo.

Para tal propósito, utilizamos o próprio texto literário e suas marcas poéticas para relacionarmos os desejos e o voo da estrela perceptíveis na fatura das personagens Duzu e Querença. Ao longo da narrativa observamos a figura expressiva da jovem mulher negra, isto é, a Menina Querença também consiste em fator substancial à compreensão do conto e deste estudo. A semântica e grafia do seu sobrenome lembram o ato ou efeito de querer bem. A personagem Querença demonstra a memória da mulher negra, que afetuosamente recorda a vida da avó, outra mulher negra. A jovem também deseja voar, mas de maneira diferente da avó. Assim, o título do conto evaristiano leva o leitor a entender as duas perspectivas de mulheres negras que aparecem: a da velha Duzu e a da nova Querença.

Em síntese, pretendemos contribuir significativamente para os estudos da personagem da mulher negra, que durante muito tempo foi abnegada e silenciada nas nossas letras.

“Duzu-Querença”, de Conceição Evaristo: desejo de liberdade em voo de estrela

A escrita de Conceição Evaristo é considerada pela crítica da Literatura Brasileira contemporânea uma das produções literárias mais intensas atualmente. Nascida no Estado de Guimarães Rosa, professora universitária, mulher negra, mãe, escritora reconhecida e respeitada, Evaristo possui obras que abarcam a poesia e a prosa. Sua escrita nos presenteia com poemas, romances e contos. A relevância dela

para a nossa Literatura é tamanha que em 2018 ela foi indicada a ocupar a cadeira número 7 da Academia Brasileira de Letras, que outrora pertencera ao cineasta Nelson Pereira dos Santos. No entanto, quem ficou com a vaga foi o cineasta Cacá Diegues. A escritora optou por uma espécie de anticandidatura e casou incômodo ao dispensar a bajulação habitual para ganhar votos dos imortais. Vale dizer ainda que “Conceição Evaristo foi a primeira escritora homenageada pela Olimpíada da Língua Portuguesa, em 2019, programa do Itaú Social, cujo tema era ‘O lugar onde vivo’”. (NUNES, 2020, p.23).

Em toda a sua obra a mulher negra pobre ou de classe média adentra no seu universo literário como protagonista da “escrevivência”, seja por meio de sua condição marginal e, muitas vezes, subalterna, seja por meio do corpo, da memória e dos desejos mais íntimos. Essa mulher negra representa-se de uma maneira lírica, portanto, poética, feminina e participe de um mundo opressor que a faz sujeito subalterno, mas não vitimizada. Ela pode até ser considerada vítima, mas no seu âmago torna-se fênix revigorada. Trata-se da fatura de personagens negras que ensinam sobre a mulher, o feminino e o papel do protagonismo do negro na sociedade brasileira.

A representação da mulher negra em *Olhos d'água* nos lembra dos estudos de Spivak (2010), principalmente, do livro *Pode o subalterno falar?* bem como de Fanon (2008), em *Pele negra, máscaras brancas*; de Geertz (2008), em *A invenção das culturas* entre outros autores expressivos nos âmbitos da Antropologia, Sociologia, Psicologia, das Ciências Sociais e do Direito. Cumpre salientar ainda que os textos literários de Evaristo, sobretudo os poéticos, estabelecem diálogos intertextuais significativos, principalmente quando recuperam temas que já foram objetos de apreciação de cânones de nossa Literatura, como, por exemplo, a pedra drummondiana; as veredas rosianas; a mulher que se olha no espelho e percebe as rugas tal qual o poema ceciliano; as mãos femininas que apresentam cicatrizes e rememoram Ulisses; a paciência da mulher do mesmo modo que Penépole, do poema homérico; o fingimento que não sente dor, profundamente pessoano, até mesmo poemas que remetem à lírica-amorosa do Trovadorismo português; outros tecidos literários aludem ao texto clariceano associado à mitologia. A própria escritora reconhece as particularidades de Clarice em sua obra, porém manifesta as disjunções entre elas:

De Clarice me seduz a afirmativa de que “a aprendizagem da escrita está no mundo”. Concordo, mas substituo por “a aprendizagem da escrita está na vida”. Pois, foi da e na dinâmica da vida que observei os primeiros traços escritos, a primeira grafia, cuja página foi o chão. Observar o mundo é de grande valia, mas o meu mundo primeiro era tão comedido, tão pouco o meu universo, que tive de aprender a olhar o mundo pela profundidade e não pela extensão. E profundidade me trazia e traz o concreto, a vida com as suas mortes, a realidade confrontando o sonho; “os sonhos moldados a ferro e a fogo”. “Escrever é dominar o mundo”, conclui Clarice. Não tenho a experiência de domínio algum. A escrita nasceu para mim como procura de entendimento da vida. Eu não tinha nenhum domínio sobre o mundo, muito menos sobre o mundo material. Por não ter nada, a escrita me surge como necessidade de ter alguma coisa, algum bem. E surge da minha experiência pessoal. Surge na investigação do entorno, sem ter resposta alguma. Da investigação de vidas muito próximas à minha. Escrevivência nunca foi uma mera ação contemplativa, mas um profundo incômodo com o estado das coisas. (EVARISTO, 2020, p.34).

Assim, discutimos a narrativa de uma escritora cujo texto enriquecedor passeia por várias áreas do saber com intensos diálogos literários que manifestam seu profundo incômodo com o mundo. O texto de Evaristo, portanto, não é feito para adormecer, mas sim para acordar, como ela mesma enuncia em muitos de seus depoimentos e entrevistas: “A nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (EVARISTO, 2007).

A figura da mulher negra toma de conta dos textos da referida escritora de maneira intensa, da prosa à poesia. Em muitas entrevistas disponíveis na internet, Evaristo garante possuir um projeto de escrita, ou seja, colocar as mulheres negras como protagonistas para confrontar com o momento em que elas aparecem como musas na Literatura Brasileira, por exemplo, Rita Baiana, Tereza Batista. Assim, as personagens negras criadas por Evaristo assumem outro papel para a mulher negra, quase sempre sexualizada ou abnegada da sua vida para cuidar da família do patrão, desse modo, essas personagens representam o “erotismo ao corpo estéril” (DUARTE, 2010, p. 28). A respeito disso, Heleine Fernandes de Souza (2020, p.76) assevera:

Conceição Evaristo denuncia a hipersexualização da personagem negra, geralmente infecunda, por vezes perigosa, por vezes ingênua, como as personagens Jelu, de poema de Gregório de Matos (“Jelu, vós sois a rainha das mulatas/ E sobretudo sois a deusa das p...”), Bertoleza e Rita Baiana, de *O Cortiço* (1890) e a heroína de *Gabriela, cravo e canela* (1958), de Jorge Amado.

Isso demonstra um ideal político no projeto estético de Evaristo. Gabriela, personagem de Jorge Amado, é uma mulher negra que não conseguia entender as bases sociais. Diante disso, também concordamos com Souza (2020, p.59) quando faz um alerta de que “a mulher negra surge mutilada, como parte erógena do corpo, cercada de ares primitivos, uma imagem em acordo com os estereótipos correntes, produzidos pelo imaginário branco europeu, que reduzem a sua humanidade”. As mulheres negras, personagens de José Lins do Rego, iniciam sexualmente os filhos dos patrões. Evaristo retoma essas mulheres, mas mostrando o lugar de fala para essas personagens, justamente aquilo que a cultura hegemônica não fez: “busquei outra forma também de compor o corpo negro”. (EVARISTO, 2020, p.40). Curioso que a autora afirma o interesse acadêmico por esse assunto, pois no seu trabalho de conclusão do curso de Letras, Evaristo realizou importante investigação sobre a representação do personagem negro da Literatura Brasileira. Assim sendo, a noção de escrevivência foi sendo maturada na escrita da autora mineira, por exemplo, o “conceito-experiência [foi] criado pela autora, em sua dissertação de mestrado, em 1995”. (NUNES, 2020, p.12).

No texto introdutório do livro de contos *Olhos d'água*, a poetisa Jurema Werneck (2016) expõe considerações pertinentes a respeito da mulher negra criada por Evaristo, informando que essa mulher apresenta muitas formas de estar no mundo. No entanto, cabe analisar como cultural e socialmente o lugar da mulher negra revela uma dupla falta, ou seja, da mulher e de sua negritude:

[...] O lugar da mulher negra é, pelo menos duplamente marcado, o lugar de uma dupla falta; por ser mulher e também por ser negra, é antítese tanto da branquitude quanto da masculinidade, colocada no cruzamento de dois lugares de exclusão... isso sem considerar outros marcadores, como de classe, orientação sexual, idade etc. (SOUZA, 2020, p.60).

Nesse sentido, o contexto desfavorável, as discriminações, a pobreza, uma nova ideia do amor e do materno, a baixa escolaridade, os subempregos e desemprego, a violação dos Direitos Humanos são fatores decisivos para a transposição dessas histórias de dor na obra de Evaristo.

As narrativas literárias da escritora mineira evidenciam discursos que se aproximam e revelam tristemente histórias de mulheres negras, inferiorizadas, violentadas, sofrendo muito além da agressão física. São essas as histórias que servem

de mote para a escrita, ou melhor, a “escrevivência” de Evaristo. Ao discutir esse conceito a própria autora sugere que:

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. (EVARISTO, 2020, p.30).

O professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Eduardo de Assis Duarte, estudioso renomado da Literatura Negra no Brasil, diz que Evaristo foi capaz de criar o conceito de escrevivência para sua obra. Desse modo, escrevivência fala da imagem de todo o processo que as mulheres africanas, conhecidas como as mães pretas, possuíam para contar histórias com o intuito de adormecer os das casas grandes. O texto de Evaristo, portanto, tenta borrar essas imagens, não é um texto para adormecer, nasce de uma tradição oral, inclusive ela intitula-se escritora das escrevivências de sua mãe. Ao parafrasearmos a escritora estadunidense Toni Morrison, concordamos que a escrita das mulheres negras extrapola a dimensão da ficção e é assim que entendemos a obra de Evaristo, isto é, para além da ficção, porque possui densidade psicológica, valores culturais, históricos, sociais e políticos relevantes.

A Escrevivência de Conceição Evaristo é também referência em universidades nacionais e internacionais, escolas públicas e privadas, não só no campo da literatura, como da psicanálise, da história, do direito, dentre tantos outros (NUNES, 2020, p.19).

O terceiro conto que aparece em *Olhos d'água* traz como título a referência ao nome das protagonistas, isto é, duas mulheres negras em idades diferentes: a idosa Duzu e a menina Querença. Dos quinze contos que compõem o referido livro, oito são intitulados ou fazem menção a suas protagonistas, isto é, meninas ou mulheres negras. O conto “Duzu-Querença” evidencia as histórias entrecruzadas de duas mulheres pretas. O narrador enuncia a história de Duzu, ainda menina e ingênua, que vai descobrindo o mundo e a crueldade humana, principalmente porque ela é abusada, encontrando à força e precocemente a vida sexual e a prostituição. O texto revela as atrocidades do prostíbulo e a forma como a personagem entrará na prostituição; a protagonista gerará nove filhos que se espalharão pelo mundo. Se antes a infertilidade da mulher negra

aparecia frequentemente em textos da Literatura Brasileira, como bem apontou Eduardo de Assis Duarte (2010) em importante estudo, Evaristo agora desfaz este paralelo de “erotismo e infertilidade” para a personagem negra na sua produção escrita.

A linguagem da narrativa em discussão constrói-se de maneira poética, sendo assim, no carnaval, Duzu agora envelhecida acaba morrendo sem poder desfilas com seu enfeitado vestido na avenida, o conto mantém intertexto com “Restos de Carnaval”, conto expressivo de Clarice Lispector, uma vez que a protagonista dessa narrativa, uma menina, também não pode curtir a festa popular em virtude da doença da mãe.

No conto em análise, o narrador recorda a história de vida da protagonista idosa, concedendo voz também à Menina Querença, neta de Duzu, que sente a morte da avó e lembra de muitos parentes que se foram sem se despedir, como o primo Tático de apenas 13 anos. A memória percorre essa narrativa, como depreendemos no seguinte trecho: “Querença desceu o morro recordando a história de sua família, de seu povo. Avó Duzu havia ensinado para ela as brincadeiras das asas, do voo. E agora estava ali deitada nas escadarias da igreja”. (EVARISTO, 2016, p.36). Em importante depoimento Evaristo esclarece sobre a presença da memória em seus escritos, circunstância que se fortalece quando pensamos a relação afetiva das mulheres negras Duzu e Menina Querença no conto em estudo:

Quando escrevo a memória da dor, não se trata de “mimimi”, não se trata de causar comiseração, se trata sim, de afirmar a nossa arte, a nossa potência, a nossa resistência, a nossa resiliência, o nosso quilombismo. E mais do que isso, se trata de explicitar sempre, que a nação brasileira vem adiando e aprofundando uma dívida antiga com os descendentes de um dos povos que construiu e que continua ativamente, como trabalhadoras e trabalhadores provendo muito do alimento, da sustância material e imaterial que está na base dessa nação (EVARISTO apud SILVA, 2020, p.115).

Sendo assim, o narrador do conto rememora a história da personagem idosa que vive intensamente no enredo, como ser vivo ficcional, no primeiro enunciado do conto, ela já constitui-se em sua expressividade política e poética como a fêmea excluída, marginalizada, subalterna e inferiorizada: “Duzu lambeu os dedos gordurosos de comida, aproveitando os últimos bagos de arroz que tinham ficado presos debaixo de suas unhas sujas. Um homem passou e olhou para a mendiga, com uma expressão de asco” (EVARISTO, 2016, p.31). A repugnância manifestada pelo olhar do homem que

avalia, julga e procura “trocar de calçada” rapidamente para não se chocar com a personagem traz à tona a inferioridade atribuída ao corpo daquela mulher, negra, velha, ex-prostituta, estigmatizada, quiçá agora insana, costumeiramente recebida com pedradas por sempre procurar alimento nas sobras do lixo. Para as autoras Luciane Vieira Paim e Patrini Vieiro Ferreira (2017, p.7):

É perceptível que existe no narrador uma inclinação negativa na apresentação da personagem. Além do ambiente decadente em que ele insere a personagem, sua descrição de Duzu também é pejorativa: ela é uma mendiga de unhas sujas, cujos transeuntes temem que ela lhes atrapalhe o caminho. Ademais, ela é uma miserável que se farta com alimentos imaginários e padece da boa vontade alheia. Como portador de um conhecimento significativo sobre a personagem, o narrador passa a ser o condutor do leitor, levando-o a determinadas conclusões e juízos de valor sobre Duzu. [...] é possível observar a construção de uma visão pessimista da personagem por parte do narrador, restringindo a forma com que o leitor poderia se portar diante desse ser fictício chamado Duzu.

Ao lermos o início do conto em estudo percebemos certa analogia com a música “Troca de Calçada”, interpretada pela cantora Marília Mendonça:

Se alguém passar por ela
Fique em silêncio, não aponte o dedo
Não julgue tão cedo
Ela tem motivos pra estar desse jeito
Isso é preconceito

Viveu tanto desprezo
Que até Deus duvida e chora lá de cima
Era só uma menina
Que dedicou a vida a amores de quinta [...] (MENDONÇA, 2021).

À proporção que nos envolvemos com a leitura do conto, entendemos como o narrador nos conta a história de Duzu: da velhice à infância, passando pela juventude e vida adulta, mostrando os momentos cruciais vividos na prostituição, as muitas travessias que ela faz e o desejo de “ter asas para voar”. Se “navegar é preciso”, como sugere Fernando Pessoa, em Evaristo “é preciso ter asas para voar” (EVARISTO, 2016, p.32). E Duzu, essa fênix revigorada, certamente mostra seu desejo de liberdade em seu voo de estrela. Na verdade, vocábulos, tais como, liberdade, voo, estrela são bastante

frequentes em toda a narrativa e configuram a personagem literária da mulher negra em Evaristo.

Ao lembrar a infância de Duzu, o narrador rememora, de maneira poética, as “vidas secas” e o êxodo da família nuclear daquela mulher:

Quando Duzu chegou pela primeira vez na cidade, ela era menina, bem pequena. Viera numa viagem de trem, dias e dias. Atravessara terras e rios. As pontes pareciam frágeis. Ela ficava o tempo todo esperando o trem cair. *A mãe já estava cansada. Queria descer no meio do caminho. O pai queria caminhar para o amanhã.* (EVARISTO, 2016, p. 32. Grifo nosso).

Pela leitura do excerto notamos intertexto curioso com a emigração da família de Fabiano e Sinha Vitória, personagens do romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Assim também verificamos o intertexto com a pedra drummondiana, símbolo do obstáculo a ser transposto por todos daquela récu. “Caminhar para o amanhã” consiste em um dos desejos de Sinha Vitória; igualmente mostra-se como o mesmo desejo do pai de Duzu. Assim, “caminhar para o amanhã” representa o futuro, a perspectiva de dias melhores para os filhos, a educação, a sobrevivência com dignidade e valores, afinal “[...] era preciso também dar outra vida para a filha. Na cidade havia senhoras que empregavam meninas. Ela podia trabalhar e estudar. Duzu era caprichosa e tinha cabeça para leitura” (EVARISTO, 2016, p.32). O leitor atento percebe como as mulheres negras, personagens de Evaristo, são livres nos quesitos corpo e leitura, elas buscam constante e duplamente o conhecimento: primeiro do seu próprio corpo; segundo como fonte de alimento para a alma humana. As mulheres negras feitas por Evaristo transmitem criticamente a ausência de um poder de fala que lhes foi negado, porém em virtude de suas posturas politizadas elas comunicam e expõem seus sentimentos mais íntimos e de forma inquietante.

Todavia, Duzu e Querença são mulheres pretas que escreverão outra história. A primeira mulher ao se tornar empregada em um prostíbulo, descobre o “[...] segredo dos corpos, a vida prostituta, até a sua entrega à loucura, na tentativa de reinventar a vida com papéis picados e coloridos” (DUARTE, 2010, p.231). A segunda mulher ao constatar a morte da avó sabe que era necessário recompor a vida e trilhar novos caminhos.

A imersão na narrativa nos mostra como Duzu irá conhecer a prostituição, de maneira ingênua e confusa, ela não compreende “por que aquele homem dormia em cima da moça?” (EVARISTO, 2016, p.33) Após vivenciar vários episódios no bordel, numa espécie de voyeurismo, o narrador nos informa como Duzu sentirá prazer em observar “[...] homens mexendo em cima das mulheres. Homens trocando de lugar com as mulheres. Gostava de ver aquilo tudo” (EVARISTO, 2016, p.33). Ora, Duzu descobre seu corpo e sua libido, então nada mais natural do que se sentir curiosa com relação ao mundo e aos corpos, assim, a protagonista mostra sua “consciência de corpo” (CRUZ, 2010, p.52), persistente nas mulheres negras produzidas por Evaristo, portanto, livres em seu voo de estrela. Ainda menina Duzu é violada, por isso também representa “a violência familiar e doméstica, a partir das imbricações de gênero, classe e etnicidade” (DUARTE, 2010, p.230).

Quando percebe sua condição social, etnia e gênero Duzu assume para si a prostituição como profissão, não mais de maneira ingênua, ela passa a entender as regras do bordel:

[...] entendeu o porquê do homem lhe dar dinheiro. Entendeu o porquê de nunca mais ter conseguido ver a sua mãe e o seu pai, e de nunca D. Esmeraldina ter cumprido a promessa de deixá-la estudar. E entendeu também qual seria a sua vida. É, ia ficar. Ia entrar-entrando sem saber quando e porque parar. (EVARISTO, 2016, p.34).

O fragmento acima reforça a ideia de liberdade como uma das metáforas que sugerem a feitura das mulheres negras construídas pela autora mineira. Se “a carne mais barata do mercado é a carne negra”, como interpretou Elza Soares, em álbum de 2002, Duzu saberá que seu preço será breve e as atrocidades presenciadas por ela no prostíbulo marcarão profundamente sua memória, gerando dores, traumas e nove filhos que se espalharão pelo mundo. Desses nove filhos, três netos prediletos da velha Duzu são descritos e ganham menção especial na narrativa: Angélico, Tático e Menina Querença, cujos nomes e características são bastante significativos: o primeiro “não gostava de ser homem”; o segundo “não queria ser nada. E a menina Querença que retomava sonhos e desejos de tantos outros que já tinham ido” (EVARISTO, 2016, p.34). Por meio de um discurso politizado e ao mesmo tempo poético, presenciamos a relevância desses três descendentes de Duzu, símbolos do desejo e do equilíbrio do voo que a personagem procurou durante sua vida. A busca da religião cristã foi uma forma

de Duzu tentar aliviar os traumas da violência ou “ludibriar a dor” pela morte do neto querido. Ao observar uma cena cotidiana do lar, ou seja, as roupas no varal, a mulher preta, idosa e agora demente, “se sentia como um pássaro que ia por cima de tudo e de todos. Sobrevoava o morro, o mar, a cidade. As pernas doíam, mas possuía asas para voar” (EVARISTO, 2016, p.35), quem sabe, voo mais livre, o voo da hora da estrela.

Não à toa que Duzu morre no carnaval, festa popular brasileira, de matriz africana, “[...] época em que o sofrer era proibido” (EVARISTO, 2016, p.35). O desejo de Sinha Vitória era uma cama com varas; o de Duzu, desfilar nas alas das baianas com sua fantasia linda:

Quem disse que estrela era só para as fadas! Estrela era para ela, Duzu. Estrela era para Tático, Angélico. Estrela era para a menina Querença, moradia nova, bendito ayê, onde os ancestrais e vitais sonhos haveriam de florescer e acontecer (EVARISTO, 2016, p.36).

A morte da protagonista é descrita com suavidade e placidez, o leitor questiona se a passagem seria visão ou sonho. Por outro lado, o rito de passagem relaciona amor e morte, isto é, vida e morte. Tudo isso a Menina Querença percebe ao analisar o falecimento da avó. Assim, ela almeja escrever uma outra história para si como mulher negra, igualmente a avó desejou um dia na juventude:

[...] era preciso reinventar a vida, encontrar novos caminhos. Não sabia como. Estava estudando, ensinava as crianças menores da favela, participava do grupo de jovens da Associação de Moradores e do Grêmio da Escola. Intuíva que tudo era muito pouco. A luta devia ser maior ainda (EVARISTO, 2016, p.36-37).

Essa constatação mostra a condição da personagem literária feminina criada por Evaristo, ou seja, no conto em discussão ambas personagens, Duzu e sua descendente, avaliam o ser mulher e sua condição de estar no mundo. Para a professora Constância Lima Duarte (2020, p.136):

Se, geralmente, nos textos assinados por mulheres costuma predominar a busca de identidade nas personagens, Evaristo trabalha incessantemente questões relacionadas ao “ser mulher” e ao “estar no mundo”, fortalecendo o sentimento de irmandade entre elas, com a peculiaridade de deixar marcado o seu lugar de fala enquanto negra, feminista, oriunda das classes populares.

Essa perspectiva tecida na escrivência de Evaristo torna-se bastante política e poética, especialmente porque evidenciam a autoria feminina da mulher negra que faz o subalterno se expressar com criticidade e autoconsciência. Assim sendo, o conto em análise viabiliza “uma conjunção de arte e vida que reivindica o direito de inventar a própria subjetividade através da escrita, o que marca um posicionamento político na literatura-vida” (SOUZA, 2020, p.114-115), principalmente para uma nova história na Literatura Negro-brasileira.

Na introdução de seu livro *Literatura negro-brasileira*, o poeta e professor Luiz Silva, mais conhecido pelo pseudônimo de Cuti (2010, p.8), propõe abordagem sintomática a respeito dos estudos de etnia presentes em nossas letras, sobretudo quando afirma que:

O surgimento da personagem, do autor e do leitor negros trouxe para a Literatura brasileira questões atinentes à sua própria formação, como a incorporação dos elementos culturais de origem africana no que diz respeito a temas e formas, traços de uma subjetividade coletiva fundamentados no sujeito étnico do discurso, mudanças de paradigma crítico-literário, noções classificatórias e conceituação das obras de poesia e ficção (CUTI, 2010, p.8).

Sendo assim, os textos literários da autora de “Duzu-Querença” encaminham para essa vertente, porque são tessituras que vão do rumor à gritaria, apresentam inclusive um forte antídoto a estereótipos e ao preconceito racial contra a mulher negra, afinal “a vida do preto brasileiro é toda tecida de humilhações” (CUTI, 2010, p.13). Infelizmente, os exemplos acerca desses tipos de crimes são inúmeros, basta lermos textos nas redes sociais ou assistirmos aos telejornais para encontrarmos casos de preconceito racial, como, por exemplo, o recente e lastimável caso de racismo sofrido por uma mulher negra, professora brasileira, que foi vilipendiada em um voo nacional², bem como os crimes recorrentes de racismo contra o jogador brasileiro Vinicius Jr³. Se

² Informação obtida em:

<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/04/29/professora-e-expulsa-de-voe-apos-se-recusar-a-d-espachar-mochila-atitude-provoca-indignacao-entre-passageiros-e-entidades-antirracistas.ghtml>. Acesso em: 29 abr. 2023.

³ Informação obtida em:

https://veja.abril.com.br/esporte/vinicius-jr-sofre-racismo-e-e-expulso-de-partida-do-real-madrid?utm_source=google&utm_medium=cpc&utm_campaign=eda_veja_audiencia_editoria_esporte&gad=1&gclid=Cj0KCCQjwnrmlBhDHARIsADJ5b_m-0Kv6O-2gRdlHILv_oOPdVlu_jLWzattcebC87brGE6madCOIOMQaAkiQEALw_wcB. Acesso em: 12 jul. 2023

neste trabalho estamos discutindo o voo da estrela Duzu, infelizmente esses outros sujeitos negros não podem democraticamente voar em paz.

Sabemos que Evaristo foge ao discurso vitimista, porque apresenta personagens negras que não são silentes, não se calam diante das mazelas que enfrentam, têm escolhas e se mostram conscientes do que passam. Como autora negro-brasileira, Evaristo cumpre seu papel político porque está para além do seu lugar de fala.

Nesse sentido, a Literatura Negro-Brasileira surge aos leitores como forma singular de refletir as convicções e fantasias pessoais do negro, concordamos assim com Cuti (2010, p.73) quando afirma que “a subjetividade negra é intransferível, mas ela é comunicante pela semelhança de seu conteúdo humano”. Somos humanos, independentemente da cor da pele? Todavia, por que algumas pessoas segregam pela cútis? O poeta Cuti implicitamente com seu pseudônimo nos leva a refletir acerca disso, como escritor negro também precisa escrever como ator, ou seja, “mergulhar no universo do diferente, necessita atuar como ator na escrita, como se o outro fosse” (CUTI, 2010, p.73).

Assim, vemos que a escritora de *Olhos d'água* faz isso com maestria, porque não produz caricaturas da mulher negra, quase sempre silente e sexualizada pela ficção brasileira. Quando suas personagens silenciam ou se mostram erotizadas isso se faz por outras vias, desmontando os estereótipos também formados pela Literatura.

Considerações Finais

Conforme discutimos é inegável o poder político da mulher negra intelectual produzidos por Evaristo, porquanto esse poder não está dissociado da realidade, tal como sugere os estudos de bell hooks (1995). Assim, “é justamente a representação de mulheres negras fortes e atuantes que atravessa a obra da escritora, incorporando uma perspectiva racial e de classe na forma como as mulheres negras experienciam gênero” (SANTOS, 2018, p.102).

Essas mulheres são subalternas, sofrem violência física, psicológica, patrimonial, mas não carregam um “discurso de inferioridade” como diz Fanon (2008) acerca do próprio negro. Dessa forma, a representação da mulher negra no texto da escritora mineira mostra a personagem na sua condição física e psíquica, sem culpas ou discurso

vitimizado. No conto em estudo, notamos que a mulher negra é protagonista de sua história. Quando ela argumenta ou se questiona é como forma de reflexão sobre essa humanidade sórdida capaz de segregar pela cor da pele. Segundo Duarte (2010, p.230), Evaristo “pontua poeticamente mesmo as passagens mais brutais, e cada personagem tem a consciência de pertencimento a um grupo social oprimido, e traz na pele a cor da exclusão”. Assim, as duas mulheres negras são fundamentais para compreendermos a construção narrativa do conto evaristiano. A Menina Querença consiste em fator substancial, pois até mesmo a semântica e a grafia do seu sobrenome lembram o ato ou efeito de querer bem a alguém ou alguma coisa. Querença demonstra a memória da mulher negra, que afetuosamente recorda a vida de outra mulher negra, isto é, a avó. Assim, a jovem também deseja voar, mas de maneira diferente da avó. Vemos implícitas maiores possibilidades de vida para essa jovem em comparação com as experiências dolorosas de sua avó.

Nesse sentido, não é à toa que o narrador de “Duzu-Querença” finaliza a história com tons poéticos e clariceanos, novamente evocando a cor, dessa vez, a cor do “sol passado de meio-dia [...] colado no alto do céu. Raios de luz agrediam o asfalto. Mistérios coloridos, cacos de vidro – lixo talvez – brilhavam no chão (EVARISTO, 2016, p.37). Ao notarmos que a jovem menina negra contempla o corpo e a fantasia da avó falecida, o choro, o desvio do olhar evidenciam o reflexo da luz que brilha no chão e ilumina o céu, como o desejo de liberdade em voo de estrela.

REFERÊNCIAS

CRUZ, Anselmo de Sousa. Ponciá Vicêncio para além das fronteiras: etnia, gênero e classe. In: DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo de Assis; ALEXANDRE, Marcos Antônio. *Falas do outro – literatura, gênero e etnicidade*. Belo Horizonte: Nandyala; NEIA, 2010.

CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DUARTE, Constância Lima. Canção para ninar menino grande: o homem na berlinda da escrevivência. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Ilustrações Goya Lopes. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

DUARTE, Constância Lima. Gênero e violência na literatura afro-brasileira. In: DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo de Assis; ALEXANDRE, Marcos

Antônio. *Falas do outro* – literatura, gênero e etnicidade. Belo Horizonte: Nandyala; NEIA, 2010.

DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade. In: DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo de Assis; ALEXANDRE, Marcos Antônio. *Falas do outro* – literatura, gênero e etnicidade. Belo Horizonte: Nandyala; NEIA, 2010.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabela Rosado. *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Ilustrações de Goya Lopes. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de Nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio. (Org.) *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

MENDONÇA, Marília. *Nosso amor envelheceu*. Produção: Eduardo Pepato. Rio de Janeiro: Som Livre, 2021. EP.

NUNES, Isabela Rosado. Sobre o que nos move, sobre a vida. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabela Rosado. *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Ilustrações de Goya Lopes. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

PAIM, Luciane de Lima; FERREIRA, Patrini Viero. Do abandono à decadência: Duzu-Querença e sua vida de abusos, violência, miséria. *Revista (Entre Parênteses)*. Dossiê Literatura e Resistência, v. 6, n. 1, 2017, ISSN 2238-4502. Disponível em: <https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entreparenteses/article/view/585/pdf>. Acesso em: 29 abr. 2023.

PROFESSORA É expulsa de voo após se recusar a despachar mochila; atitude provoca indignação entre passageiros e entidades antirracistas. *G1 Jornal nacional*. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/04/29/professora-e-expulsa-de-voo-a-pos-se-recusar-a-despachar-mochila-atitude-provoca-indignacao-entre-passageiros-e-entidades-antirracistas.ghtml>. Acesso em: 29 abr. 2023.

SANTOS, Miriam Cristina dos Santos. *Intelectuais negras: prosa negro-brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

SILVA, Assunção de Maria Sousa e. Escrivivência: itinerário de vidas e de palavras. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabela Rosado. *Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Ilustrações de Goya Lopes. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

SOARES, Elza. *Do cóccix ao pescoço*. Direção: Zé Miguel Wisnik e Alê Siqueira. São Paulo: Maianga Discos, 2002. CD.

SOUZA, Helaine Fernandes de. *A poesia negra-feminina de Conceição Evaristo, Livia Natália e Tatiana Nascimento*. Rio de Janeiro: Malê, 2020.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

VEJA. *Vinicius Jr sofre racismo e é expulso de partida do Real Madrid*. Disponível em: https://veja.abril.com.br/esporte/vinicius-jr-sofre-racismo-e-e-expulso-de-partida-do-real-madrid?utm_source=google&utm_medium=cpc&utm_campaign=eda_veja_audiencia_editoria_esporte&gad=1&gclid=Cj0KCQjwnrmlBhDHARIsADJ5b_m-0Kv6O-2gRdlHILv_oOPdVlu_jLWzattcebC87brGE6madCOIOMQaAkiQEALw_wcB. Acesso em: 12 jul. 2023.

WERNECK, Jurema. Introdução. In: EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

Recebido em 25/04/2023

Aceito em 10/07/2023